



# ENTREVISTA

## JOÃO COSTA FERREIRA

Pianista foi distinguido como “*Meilleure révélation artistique*”

Há uma década, trocou Leiria por Paris. Aí, tem desenvolvido um trabalho notável enquanto pianista, tendo conquistado diplomas em reputadas instituições francesas. Com uma carreira que se vai afirmando no panorama internacional, João Costa Ferreira permanece relativamente desconhecido dentro da comunidade portuguesa em França. Algo que começa a mudar, nomeadamente a avaliar pela distinção como *meilleure révélation artistique* pela Cap Magellan no passado mês de outubro.

### 1. Conta-nos como nasceu o interesse pelo piano e como se deu a vinda para França.

Foi quando tinha cerca de onze anos que pedi aos meus pais que me inscrevessem numa escola de música para aprender piano. A vontade de aprender piano nasceu nas aulas de música do 5º ano, aulas onde os alunos cantavam acompanhados ao piano pela professora. Fascinava-me a ideia de poder manusear aquele instrumento musical.

Os meus pais inscreveram-me na Escola de Música do Orfeão de Leiria onde vim a estudar oito anos com o professor de piano Luís Batalha. Este professor foi essencial para que eu viesse a decidir-me pela carreira de pianista já que foi ele quem, verdadeiramente, me transmitiu a paixão pela música e me fez compreender a importância do trabalho e o valor da disciplina.

Cheguei a França há dez anos para prosseguir os meus estudos de piano na École Normale de Musique de Paris. Nessa

instituição estudei com os professores Marian Rybicki e Guigla Katsarava, tendo obtido vários diplomas, entre os quais o prestigiado “Diplôme Supérieur d’Exécution”. A razão que me levou a França é simples: o professor Luís Batalha convenceu-me de que seria essencial para mim, enquanto pianista, estudar no estrangeiro e, para mais, em Paris já se encontravam alguns dos seus anteriores alunos, o que me facilitaria a adaptação.

### 2. Apresentaste recentemente a tua tese de Mestrado na Sorbonne, intitulada “*Une étude pour la compréhension des Rhapsodies portugaises de José Vianna da Motta depuis la filiation lisztienne*”. Qual foi a recepção do júri? Porque escolheste este tema?

A julgar pela menção “Très bien” que o júri atribuiu ao meu trabalho de investigação diria que a recepção do júri foi muito boa. Recebi felicitações e agradecimentos por estudar e dar a conhecer a obra de um compositor que lhes era desconhecido. Elogiaram também o facto de ter revisto e prefaciado as *Cinco Rapsódias Portuguesas* de Vianna da Motta para uma publicação inédita na editora AvA Musical Editions.

Escolhi este tema por duas razões essenciais. A primeira razão prende-se com a vontade de estudar a vida e obra de um pianista e compositor português cujo reconhecimento está ainda longe de refletir a sua real importância no meio musical nacional. A segunda razão prende-se com a paixão pessoal que tenho pela obra de Franz Liszt, pianista e compositor húngaro que esteve presente nas análises com-

parativas do meu estudo.

*Estas obras, que esperaram cerca de cento e vinte anos para serem publicadas, vão agora ser ouvidas pela primeira vez.*

### 3. Concluída a tese de Mestrado, qual consideras ser a importância do trabalho desenvolvido para os músicos e para o público?

A tese está concluída mas o trabalho não. Actualmente, estou a preparar ao piano as *Cinco Rapsódias Portuguesas* para as tocar em concertos. Estas obras, que esperaram cerca de cento e vinte anos para serem publicadas, vão agora ser ouvidas pela primeira vez. Vianna da Motta chegou a tocar as suas rapsódias, sobretudo a primeira rapsódia. Mas é muito pouco provável que alguém vivo o tenha ouvido tocá-las, já que, segundo os resultados da minha investigação, foi por volta de 1916 que o compositor pôs de lado este repertório. A juntar a isso, não tenho informação de que algum outro pianista as tenha tocado. Julgo, por isso, que a importância do meu trabalho para os músicos e para o público reside essencialmente na divulgação destas obras através de uma publicação inédita, de um estudo analítico e de audições públicas.

### 4. Planeias continuar a desenvolver o trabalho sobre Vianna da Motta?

Tenho planos para continuar a minha investigação sobre a vida e obra de Vianna da Motta no contexto de um Doutoramento em Musicologia ou em Performance. A directora de investi-



gação que orientou o meu trabalho de Mestrado, a filósofa e musicóloga Danielle Cohen-Lévinas, tem, aliás, insistido para que continue os meus estudos em Doutoramento. Mas para isso terei de encontrar uma bolsa de estudo que me permita fazer. Na verdade, durante os últimos cinco anos, fiz uma Licenciatura e um Mestrado na Sorbonne ao mesmo tempo que preparava os meus concertos de piano e dava aulas de piano para ajudar a pagar as contas da casa. Foram cinco anos muito cansativos mas também muito enriquecedores. O Doutoramento exigir-me-á tempo que apenas uma bolsa me poderá facultar.

##### **5. Na sequência da tua apresentação no TEDxYouth Leiria de 2013, qual consideras ser o papel da música clássica hoje em dia?**

Como o próprio nome indica, o TEDxYouth@Leiria foi dirigido sobretudo aos jovens. Julgo por isso que a minha intervenção, estando relacionada com o preconceito de que a música clássica é aborrecida, se adaptou perfeitamente ao evento. Como é sabido, o público que, hoje em dia, frequenta concertos de música clássica é maioritariamente sexagenário. Infelizmente, a música clássica tem tido dificuldades em conquistar o público mais jovem. Julgo que essa dificuldade se relaciona com as transformações profundas que a nossa sociedade tem vindo a sofrer, muito graças à direção que o desenvolvimento tecnológico tem tomado a par da necessidade de um consumo desenfreado que nos impele a adquirir e a deitar fora tão depressa quanto possível – no sentido material, é certo, mas acabando por se refletir no modo como apreciamos ou valorizamos as coisas a um nível mais abstrato. No meu entender, nunca o fator duração teve tanta importância na distinção entre o suportável do insuportável, e talvez essa seja uma das razões pelas

quais se tem observado junto das crianças e dos jovens cada vez mais dificuldades em manter a concentração. A duração de uma Sinfonia de Beethoven ou mesmo de uma Sonata de Mozart ultrapassa largamente os habituais três ou quatro minutos de um Rap, por exemplo. Diria por isso que, hoje em dia, o papel da música clássica é sobretudo conquistar novos públicos.

*Estou a viver em França há dez anos e, deste então, nunca atuei num evento organizado pela comunidade portuguesa que aqui reside.*

##### **6. O facto de seres português influencia de alguma forma o teu trabalho?**

Com certeza. Basta ver, por exemplo, que o tema que desenvolvi durante o Mestrado diz respeito à obra de um compositor português. Julgo que se eu não fosse português dificilmente teria pensado realizar um estudo sobre Vianna da Motta. É também pelo facto de eu ser português que me debruço igualmente sobre o repertório para piano de compositores portugueses como António Fragoso ou Luiz Costa. Também posso dizer que isso influencia o meu ensino já que proponho com alguma frequência obras de compositores portugueses aos meus alunos.

##### **7. A comunidade portuguesa residente em França apoia, de alguma forma, o teu trabalho? Sentes que há um interesse destas pessoas na tua carreira?**

Estou a viver em França há dez anos e, deste então, nunca atuei num evento organizado pela comunidade portuguesa que aqui reside. Não consigo encontrar uma explicação sólida para este facto mas julgo que está relacionado com o pouco que tenho trabalhado no sentido de melhorar a minha visibilidade junto da comunidade portuguesa em França. Estes últimos cinco anos de estudos intensivos na Sorbonne foram repletos de concertos e de aulas de piano. O tempo chegou para me aperfeiçoar artisticamente mas

não tanto para me empenhar na minha promoção. Convém, contudo, salientar que, em 2014, a Lusopress reconheceu o valor do meu trabalho nomeando-me “Português de Valor”.

Tenho passado relativamente despercebido mas julgo que isso começou, recentemente, a mudar. No mês de outubro, fui galardoado “*meilleure révélation artistique*” pela Cap Magellan numa gala que decorreu no Hôtel de Ville de Paris e onde se comemorou a implantação da república portuguesa. Atualmente, estou a preparar um concerto na Casa de Portugal – André de Gouveia que terá lugar em abril de 2016 e onde interpretarei as Cinco Rapsódias Portuguesas de Vianna da Motta. Tenho boas expectativas relativamente à afluência do público, nomeadamente o público português, visto tratar-se de obras muito apelativas, inspiradas em fados e temas populares portugueses provenientes de várias localidades de Portugal, melodias conhecidas do público português, magistralmente trabalhadas por José Vianna da Motta.

##### **8. Quais são os teus projectos a curto, médio e longo prazo?**

Já falei de vários projetos, como o Doutoramento ou a audição inédita das rapsódias de Vianna da Motta. Falta mencionar um projeto de música de câmara que estou a construir com o pianista francês Bruno Belthoise. Conheço o Bruno há vários anos, sobretudo pelo trabalho, diria inigualável, que ele tem realizado no sentido de promover a música portuguesa em Portugal e no estrangeiro. Recentemente, decidimos preparar um repertório para piano a quatro mãos, dedicado à música francesa e portuguesa. Como o projeto está ainda em fase de construção, não poderei adiantar mais do que isto, mas posso garantir que os meus projetos não ficam pelo caminho.